

## Mutações do neoliberalismo: novas formas da dominação contemporânea

Mariano Sánchez<sup>1</sup>

Resenha de: BYUNG-CHUL HAN. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018, 117 páginas.

Byung-Chul Han é um filósofo alemão nascido na Coréia do Sul que concentra suas análises na dissecação da subjetividade contemporânea, nas formas do ser do sujeito neoliberal. Professor da Universidade de Berlim, doutorou-se com uma tese sobre Heidegger em Friburgo em 1994, e tem desenvolvido uma obra recorrendo a conceitos tanto da filosofia quanto da psicanálise para pensar a subjetivação neoliberal. Os títulos de seus livros já indicam uma perspectiva original: *Sociedade do cansaço* (2015), *Topologia da violência* (2017), *Agonia do Eros* (2017), *No enxame: perspectivas do digital* (2018), *Psicopolítica* (2018), *A expulsão do outro* (2018), e *A salvação do belo* (2019), seguindo, nesta lista, as datas das publicações no Brasil

Em *Psicopolítica*, Byung-Chul Han se dedica a analisar os elementos que constituem a subjetividade neoliberal em um livro composto de treze breves capítulos. Desenvolve sua perspectiva da “psicopolítica” por meio de um exercício de crítica muito original de toda uma série de autores que pensaram o mesmo tema e ainda hoje são considerados referência no assunto.

Assim, o primeiro elemento de sua “psicopolítica” estabelece que o fenômeno da subjetividade neoliberal contemporânea não mais corresponde ao que Michel Foucault denominou biopolítica. Segundo Byung-Chul Han, a subjetividade neoliberal é a expressão de um novo modo de controle social diferente dos dispositivos relativos à sociedade disciplinar.

Após *Vigiar e punir*, Foucault claramente se deu conta de que a sociedade disciplinar não refletia de forma exata seu tempo. (...) O problema, contudo, foi que permaneceu ligado tanto ao conceito de população quanto ao de biopolítica (p. 37) (...) Foucault vincula expressamente a biopolítica à forma disciplinar do capitalismo, que, em sua forma produtiva, socializa o corpo (p. 39, grifos do autor).

A descoberta da *psique* como força produtiva indicaria a passagem da sociedade disciplinar para o que ele denomina “psicopolítica”, porque não mais se trataria da gestão dos corpos, tal como se configura o controle social desde a era clássica, mas antes, de novas técnicas de dominação que chegariam a trabalhar a um nível inconsciente: “*A psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção para influenciar*

---

<sup>1</sup> Doutorando em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) campus Marechal Cândido Rondon, PR, e professor ME de Sociologia e Ciência Política na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) campus Laranjeiras do Sul, PR. Email: [mariano.sanches@uffs.edu.br](mailto:mariano.sanches@uffs.edu.br).

*ações sobre esse nível pré-reflexivo*” (p. 68, grifos do autor). A passagem da biopolítica para a psicopolítica estaria representada pela mudança da *negatividade* da primeira (vigilância, restrição, disciplinamento dos corpos) para a *positividade* da segunda (a exploração de positivities como o exercício da própria liberdade e a centralidade da comunicação como espaço de revelação voluntária do sujeito). As instituições disciplinares assinaladas por Foucault (o hospital psiquiátrico, a prisão, o exército, a fábrica, a escola) teriam cedido lugar a novos mecanismos de controle social que já não mais trabalhariam sob a perspectiva panóptica, mas com sutis formas de exploração da autoexposição dos indivíduos por meio dos novos meios digitais de comunicação. Segundo o autor

A virada para a psique e, em consequência, para a *psicopolítica*, também está relacionada à forma de produção do capitalismo atual, pois ele é determinado por modos imateriais e incorpóreos. São produzidos objetos intangíveis, como informações e programas (p. 40, grifos do autor).

Byung-Chul Han também revisa criticamente outros autores. Considera que a doutrina do choque de Naomi Klein não consegue capturar a psicopolítica contemporânea em ato porque a terapia do choque é tipicamente disciplinar, isto é, opera com a *negatividade* das medidas coercitivas da biopolítica, enquanto a psicopolítica neoliberal opera com a *positividade*, com a exploração de estímulos que levam os sujeitos a revelar “seus anseios, suas necessidades, seus desejos” (p. 52) que, registrados e coletados no novo espaço virtual da comunicação digital, permitem a elaboração de prognósticos comportamentais que podem se antecipar em muito às ações dos sujeitos (p. 53).

Byung-Chul Han revisa ademais o paradigma orwelliano do romance distópico “1984”, afirmando que ao contrário do controle linguístico/ideológico da população por parte do Grande Irmão, –que ano após ano reduz o número de vocábulos no dicionário oficial impedindo o livre pensamento–, “é a *multiplicação das palavras a principal característica da sociedade da informação atual*” (p. 55). Mais ainda, a onipresente vigilância do Grande Irmão é substituída hoje pela “*aparência de liberdade e comunicação ilimitadas*” (p. 56): “As pessoas se sentem livres, mas é exatamente essa sensação de liberdade, inexistente no Estado de vigilância de Orwell, que constitui um problema” (p. 57). Nesse mesmo sentido, da passagem da restrição para o excesso, o consumo não se reprime devido a um suposto estado de guerra permanente, como no romance de Orwell, mas ao contrário, se maximiza em uma abundância de possibilidades, em um excesso de positividade, cuja exploração é o que alimenta a dominação psicopolítica.

Realizando um interessante trabalho conceitual entre emoção, afeto e sentimento, Byung-Chul Han critica a análise de Eva Illouz sobre as emoções no capitalismo de hoje, que deixa sem explicar precisamente o porquê do novo papel das emoções na dominação neoliberal. Indo muito além do paradigma weberiano da racionalidade do sujeito protestante,

a *racionalidade*, que representa o *medium* da sociedade disciplinar, atinge seus limites. Ela é percebida como uma restrição, como uma inibição (...) Em seu lugar, entra em cena a *emocionalidade*, que está associada ao sentimento de liberdade. (...) A emoção é celebrada como expressão da

subjetividade livre. A técnica neoliberal de poder explora essa subjetividade livre (p. 65).

Se por um lado a crítica a outros autores permite a Byung-Chul Han diferenciar pela via negativa o que não é psicopolítica (não é sociedade disciplinar mas exploração de positivities, não é administração de carências mas excesso de consumo, não é imposição de uma racionalidade mas exploração da emocionalidade dos sujeitos), este autor também irá desenvolver os elementos da sua própria perspectiva para compreender as particularidades da subjetividade neoliberal. Assim, para o autor “*A psicopolítica neoliberal é a técnica de dominação que estabiliza e mantém o sistema dominante através da programação e do controle psicológicos*” (p. 107), “*que se serve massivamente da tecnologia digital*” (p. 42). Essa subjetividade se desenvolve a partir da substituição do sujeito pelo “*eu*” como projeto, isto é, por um tipo específico de sujeito que se pensa livre para se reinventar por cima das restrições externas, passando a se submeter agora, voluntariamente, “*a coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização*” (p. 9). O sentimento de liberdade associado ao sujeito-empendedor logo revela que antes do que livre, resulta ser “*um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo*” (p. 10). É nesse sentido preciso que o neoliberalismo explora a liberdade, inclusive até o limite das doenças psíquicas, sintomas patológicos de uma “*liberdade individual, que atualmente assume uma forma excessiva, é nada mais nada menos de que o excesso do próprio capital*” (p. 13). Trata-se de uma dominação por meio da produção de uma subjetividade que, paradoxalmente, quanto mais explora a *positividade* de sua liberdade mais resulta funcional aos interesses do capital.

Han considera que a exploração neoliberal da liberdade que se realiza na sociedade digital “*só é possível graças à autorrevelação e à autoexposição voluntárias*” porque “*mais informação e mais comunicação significam mais produtividade, aceleração e crescimento*” (p. 19-20). O resultado é a *desinteriorização* do sujeito, aplainado pela aceleração da comunicação que exclui “*o segredo, o estranhamento ou a alteridade*” (p. 20). Assim, a psicopolítica digital encontra na chamada *Big Data* um recurso fundamental: a acumulação incessante de dados sobre cada indivíduo, o que implica “*um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-lo em um nível pré-reflexivo*” (p. 23), porque é capaz de prognósticos comportamentais que podem viabilizar um futuro amplamente controlável.

No intuito de capturar os processos de subjetivação neoliberal, Byung-Chul Han radicaliza sua análise quando considera que no regime neoliberal de auto-exploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos, relativizando o papel das relações repressivas externas no exercício da dominação. Na sua problemática afirmação,

No regime de exploração imposto por outros, ao contrário, é possível que os explorados se solidarizem e juntos se regam contra o explorador. Essa é a lógica que fundamenta a ideia marxista da ‘ditadura do proletariado’, que pressupõe, porém, relações repressivas de dominação. Já no regime neoliberal de autoexploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela

não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos (p. 16).

Por isto o autor conclui que o neoliberalismo não permite que emerja qualquer resistência ao sistema.

Esta obra pode ser considerada uma teoria parcial porque dedicada exclusivamente a pensar o impacto das novas tecnologias da comunicação como instrumento de controle social, deixando fora da análise enormes dimensões da vida social e política que não se reduzem ao impacto psicopolítico do uso da Big Data para prever e manipular comportamentos e obter consentimento. Parece haver nesta obra um risco de hipertrofia do papel da técnica no grande jogo da dominação política, desconsiderando a coerção dos aparelhos repressivos, como se hoje tudo fosse dominação pela “positividade” e não existissem mais dispositivos normalizadores típicos da sociedade disciplinar. Neste sentido, sente-se falta de uma análise histórica que melhor fundamente a hipótese da mudança de uma sociedade disciplinar para a nova psicopolítica.

Essa obra parece revelar seus limites quando a saída que parece propor no final do livro exige uma des-subjetivação que evite a sua captura pelos mecanismos digitais, em direção a uma busca pelo silêncio pensada como fuga da comunicação: *“O capital se manifesta como transcendência que aliena a vida de si mesma. A imanência como vida suspende essa relação de alienação. A pura imanência é o vazio que não se pode nem psicologizar nem subjetivar”* (p. 116), reflexão que parte da política do silêncio de Gilles Deleuze: a busca do silêncio, da quietude e da solidão para se opor ao poder neoliberal de dominação (p. 112-113). Não há reflexão sobre algum tipo de prática política cuja luta tenha como horizonte a superação da psicopolítica. Esta espécie de conclusão pode deixar o leitor pelo menos perplexo se comparada à instigante crítica desenvolvida sobre as formas da subjetivação neoliberal.

Resenha recebida em 26.5.2020

Aprovada em 3.7.2020